

MARX E HEGEL - INFLUÊNCIAS E CONTRADIÇÕES

Antônio Porfírio de Matos Neto¹

É inegável a influência do filósofo alemão Friedrich Hegel na construção da doutrina marxista. Entretanto, ao mesmo tempo em que busca elementos em sua filosofia, Marx passa a tecer dissensões, de modo a até criar princípios filosóficos próprios a partir das discordâncias com o idealista alemão.

Karl Marx (1818–1883) foi um filósofo e revolucionário socialista alemão, criador das bases da doutrina comunista, a partir das críticas ao capitalismo. Sua filosofia exerceu influência em várias áreas do conhecimento, tais como Sociologia, Política, Direito e Economia. Junto a Friedrich Engels, Marx elaborou um novo conceito de dialética sustentado na produção material da humanidade. Denominado materialismo histórico dialético, esse conceito conduziu a análise social e científica da história da sociedade a uma nova visão, a qual passou a considerar como objeto de estudo a produção material humana e seus mecanismos de construção em cada época. Ao examinar a produção material da sociedade europeia do século XIX, Marx constatou a existência de uma acentuada desigualdade social, em que a burguesia, que detinha os meios de produção, promovia a exploração do proletariado, classe trabalhadora.

Por sua vez, Friedrich Hegel (1770-1831) foi um filósofo alemão. Um dos criadores do sistema filosófico chamado idealismo absoluto. Foi precursor do existencialismo e do marxismo. A ideia fundamental de Hegel é a de que o objetivo da filosofia é o mesmo da religião, o absoluto em Deus. Enquanto a religião o apreende na forma da representação/imagem e sentimento, a filosofia o apreende na forma do conceito, compreendendo-o como unidade ou síntese do finito e do infinito. Para Hegel a religião absoluta é o cristianismo, que se distingue das demais por sua ideia da encarnação, que representa a união do divino e do humano. O sistema desenvolvido por Hegel, o idealismo absoluto, abrangeu várias áreas do conhecimento como a lógica, a filosofia da natureza e a filosofia do espírito. Assim como o pensamento religioso, o pensamento político de Hegel também se presta para a mais de uma interpretação. Por um alado visa a reconciliação com a realidade, que

¹ Graduações em Filosofia, Economia, Ciências Políticas e Ciências Jurídicas, Mestre em Economia pela Universidade Federal de Sergipe – UFS - Doutorando em Filosofia – Membro da Academia Sergipana de Letras. Email: antonioporfirio56@gmail

procura interpretar racionalmente. Por outro lado, a dialética, que é a alma do sistema, se opõe a qualquer imobilização, e explica o movimento, o processo histórico, pelas contradições que podem ocorrer entre as classes, provocando as revoluções e as guerras.

Marx, inicialmente, bebeu na fonte da filosofia hegeliana. A dialética marxista frutificou a partir das concepções de movimento histórico desenvolvidas por Hegel. Contudo, se para Hegel o que faz movimentar o mundo são as ideias, Marx passa a afirmar que será a luta de classe e as relações de produção. Assim porque este era um filósofo materialista e que levava em conta as condições materiais da vida humana, da sobrevivência do dia a dia. Desse modo, a História seria movida pela ação daqueles que não detêm os meios de produção em chegar a uma posição mais elevada. Não seria errôneo dizer que a dialética de Hegel ficava no plano das ideias e do irrealizável. Enquanto Marx, a partir de sua concepção materialista, buscava adaptar a dialética para o mundo real.

Marx achava que a dialética de Hegel havia sido concebida de forma errada e era necessário reformá-la. Hegel, como idealista, via a Razão como determinante da realidade objetiva, enquanto Marx pensava justamente o contrário. Segundo este, era o mundo material que condicionava a ideia que fazíamos dele. Por isso, ele desenvolveu uma interpretação que ficou conhecida como materialismo dialético. O que Marx trouxe de original foi uma análise dialética das relações sociais e econômicas (as bases materiais e concretas da sociedade) que formavam uma estrutura que explicava fatos históricos e culturais.

As diferenças entre as abordagens filosóficas de Hegel e Marx, porém, tomam diversos aspectos. Hegel acreditava que uma transformação econômica, social e cultural poderia ser alcançada através de uma revolução filosófica, de modo idealista. Já Marx supunha que tal transformação somente seria possível através da luta de classes, do embate do proletariado frente à exploração capitalista. Não obstante isso, entre os dois filósofos existiram também diferenças políticas, vez que Marx considerava que a crença de Hegel no papel progressivo da função pública era uma ilusão idealista, pois todas as formas de burocracia e hierarquia levam à opressão.

Na Crítica da filosofia do direito de Hegel, conforme veremos, Marx investe contra a existência do Estado político que aliena a participação direta das massas impondo-lhe a condição de Estado-não político. Esta elaboração foi de grande importância na formação do pensamento de Marx e na concepção que sustentou o materialismo histórico. Sobretudo a partir deste estudo, realizado no segundo semestre de 1843, Marx, opondo-se a Hegel, toma como centralidade a perspectiva segundo a qual não era o Estado a base da sociedade civil, mas sim que a sociedade civil é que é a base do Estado.

No todo, tem-se que os dois filósofos ora se comungaram ora se distanciaram. Para Marx, a concepção da história não está na base das ideias ou conceitos, como acreditava Hegel, mas na própria presença humana como agente transformador. Para Marx, o Estado real é aquele revolucionário, buscando a transformação através das lutas de classes, e não apenas o Estado idealizado, mítico e com forças próprias de transformação, conforme supunha Hegel. Ademais, Marx afirmou que no Estado não cabia uma idealização ética, com base religiosa e nos costumes, onde a liberdade concreta do cidadão é garantida pelo próprio Estado. Tais premissas defendidas por Hegel foram combatidas pela filosofia marxista.

Outra crítica feita por Marx à filosofia hegeliana diz respeito à questão dos estamentos, ou como a sociedade civil se ordena no Estado. Desse modo, estamentos seriam os modos pelos quais a sociedade civil se apresenta no Estado, fazendo a mediação entre o governo e o povo. Mas Marx indaga: como pode o estamento privado e interessado da sociedade civil ser o veículo do universal e com isso alcançar um significado político no sentido daquilo que é comum?

Enfim, enquanto Hegel concebe o Estado como um ser que se completa pelas suas instituições, de forma única, Marx o concebe como um ser que depende, na sua existência, de instituições e conceitos particulares, como o trabalho, a família, a propriedade.

Mas a síntese da crítica marxista ao ideário hegeliano está na seguinte assertiva: “O mais profundo em Hegel é que ele percebe a separação da sociedade civil e da sociedade política como uma contradição. Mas o que há de falso é que ele se contenta com a aparência dessa solução”.

Desse modo, por mais que Marx tenha bebido na fonte de Hegel na construção de seu pensamento filosófico, houve um rompimento daquele em relação a teses defendidas por este. Para Marx, o Estado surge das relações de produção, enquanto que para Hegel o Estado é racional, infinito e histórico.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Selvino José A.; DUTRA, Delamar. J. V.; HEBECHE, Luiz. **História da Filosofia IV**. Brasília: Ministério da Educação, 2009.